

DOI: <https://doi.org/10.5902/2236672590501>

## **Agro a galope: alegorias da conquista e *agrobolsonarismo***

*Agribusiness at a gallop: allegories of conquest  
and agri-bolsonarism*

*L'agro au galop: allégories de la conquête et  
agrobolsonarisme*

*Agro al galope: alegorías de la conquista y el  
agrobolsonarismo*

 **Luciana Schleder Almeida**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

### **Resumo**

Este artigo visa explicitar a linguagem alegórica ligada às formas de enunciação política de associações patronais de sojicultores em suas bases no Mato Grosso e na capital federal. A perspectiva etnográfica permite identificar estereótipos mobilizados na disputa pela “agricultura” travada entre a concertação política do agronegócio e os movimentos camponeses e povos e comunidades tradicionais. A alegoria do “gaúcho”, especialmente a imagem do herói a cavalo, corresponde a essa arma discursiva de poder que, operando enquanto estereótipo, tende a marcar a ausência de algo desejável no seu objeto que é justamente o “trabalho braçal” ou práticas laborais ligadas à rusticidade camponesa. A incorporação do cavalo nessas performances públicas, assim como o uso de “fronteira” para designar as áreas de interesse da plantation contemporânea, são mensagens reveladoras da persistência da guerra de conquista colonial.

**Palavras-chave:** Agronegócio; Bolsonarismo; Branquitude; Cavalos; Soja.

**Abstract:** This article aims to clarify the allegorical language associated with the forms of political enunciation of employers' associations of soybean farmers in their bases in Mato Grosso and in the federal capital. The ethnographic perspective allows us to identify stereotypes mobilized in the dispute over "agriculture" between the political concertation of agribusiness and peasant movements and traditional peoples and communities. The allegory of the "gaucho", especially the image of the hero on horseback, corresponds to this discursive weapon of power that, operating as a stereotype, tends to mark the absence of something desirable in its object, which is precisely "manual labor" or labor practices linked to peasant rusticity. The incorporation of the horse in these public performances, as well as the use of "frontier" to designate the areas of interest of the contemporary plantation, are revealing messages of the persistence of the war of colonial conquest.

**Keywords:** Agribusiness; Bolsonarism; Whiteness; Horses; Soy.

**Résumé:** Cet article vise à expliquer le langage allégorique lié aux formes d'énonciation politique des associations patronales de producteurs de soja dans leurs bases du Mato Grosso et de la capitale fédérale. La perspective ethnographique permet d'identifier les stéréotypes mobilisés dans la dispute sur « l'agriculture » entre la concertation politique des mouvements agro-industriels et paysans et les peuples et communautés traditionnels. L'allégorie du « gaucho », notamment l'image du héros à cheval, correspond à cette arme discursive du pouvoir qui, fonctionnant comme un stéréotype, tend à marquer l'absence de quelque chose de désirable dans son objet, qui est précisément le « travail manuel ». ou des pratiques de travail liées à la rusticité paysanne. L'incorporation du cheval dans ces performances publiques, ainsi que l'utilisation du terme « frontière » pour désigner les zones d'intérêt de la plantation contemporaine, sont révélatrices de messages sur la persistance de la guerre de conquête coloniale.

**Mots-clés:** Agro-industrie; Le bolsonarisme; Blancheur; Chevaux; Soja.

**Resumen:** Este artículo tiene como objetivo explicar el lenguaje alegórico vinculado a las formas de enunciación política de las asociaciones empresariales de productores de soja en sus bases en Mato Grosso y la capital federal. La perspectiva etnográfica nos permite identificar estereotipos movilizados en la disputa por la "agricultura" entre la concertación política de los movimientos agroindustriales y campesinos y los pueblos y comunidades tradicionales. La alegoría del "gaucho", especialmente la imagen del héroe a caballo, corresponde a esta arma discursiva de poder que, operando como estereotipo, tiende a marcar la ausencia de algo deseable en su objeto, que es precisamente el "trabajo manual". o prácticas laborales ligadas a la rusticidad campesina. La incorporación del caballo en estos espectáculos públicos, así como el uso de "frontera" para designar las áreas de interés de la plantación contemporánea, son mensajes reveladores de la persistencia de la guerra de conquista colonial.

**Palabras clave:** Agronegocio; Bolsonarismo; Blancura; Caballos; Soja.

## Introdução

Destacar a escala como um elemento chave para compreensão do sistema de produção agrícola mundial permite não somente explicitar a estrutura de longa duração ligada à plantation colonial, estabelecida entre os séculos XV e XVII, como também vislumbrar abordagens teóricas que problematizam a naturalização da expansão como caminho para os humanos habitarem a terra (Tsing, 2023). O cultivo de cana-de-açúcar é emblemático para se pensar a plantation como um modelo agroindustrial que combina agricultura e manufatura sob a autoridade da disciplina, da organização da força de trabalho e do sistema consciente do tempo. Nessa lógica de expansão, a expropriação da terra está na base das formas de dominação, seja nas plantações baseadas no trabalho forçado que se desenvolviam nas ilhas do Caribe, seja no surgimento da mão-de-obra livre proletária na Europa (Mintz, 1996). A plantation corresponde a uma parte integral do processo de industrialização influenciando a vida política e social, formando a economia global e colonizando nosso entendimento de paisagens produtivas (Wolford, 2021).

A modernização conservadora que sucedeu no Brasil na segunda metade do século XX significou um novo fôlego para a estrutura agrária concentrada e reprodutora de relações de trabalho racializadas que vem definindo as contradições da nação. A soja tem figurado com um cultivo emblemático dessa fase e seu avanço segue a trilha aberta pela cana-de-açúcar abrindo um novo estágio da história da agricultura nas Américas (Du Bois; Tan; Mintz, 2008).

O Brasil desponta como segundo colocado em área e em produção desde os anos 1980. O incremento da produção foi um dos desdobramentos de um conjunto de projetos de colonização interna ou do estabelecimento de relações coloniais que ocorrem no interior do Estado-nação nas Américas e que tendem a submeter minorias ou etnias colonizadas (Casanova, 2007). Em meados da referida década, a produção de soja, que estava concentrada na parte meridional do país, iniciou a expansão para o Centro-Oeste, a Amazônia e o oeste baiano. O estado do Mato Grosso concentra atualmente a produção nacional, ao responder por 28% dela (EMBRAPA, 2019).

A expansão das áreas de soja é um dos aspectos das transformações recentes da sociedade brasileira que formaram, na década de 1990, uma nova geração política no campo que busca estampar um perfil “empresarial” sobre as raízes arcaicas do latifúndio. O rearranjo na organização e representação de interesses de grandes proprietários de terra, empresários rurais e agroindustriais fica evidente na mobilização da categoria “agronegócio” ou “agro” como artifício para a instituição de uma nova retórica de legitimação e de poder (Bruno, 2017; Pompeia, 2020; Gerhart, 2021). Observa-se também a multiplicação das associações por produto que vem ocorrendo desde os anos 1990 (Bruno, 2017) como a Aprosoja (Associação dos produtores de soja e milho do estado de Mato Grosso), criada em 2005 pelos plantadores de soja da área estudada.

A produção em unidades de larga escala tem operado como um elemento de legitimação ideológica. Mesmo diante do flagrante esgotamento dos métodos produtivos consagrados pela Revolução Verde (Wallace, 2020), a suposta capacidade de responder à crescente demanda mundial por alimentos é constantemente enaltecida pelo agronegócio. Campanhas publicitárias buscam “ampliar indefinidamente a concepção de agro a todos os

agentes e processos sociais da sociedade, comprometendo-os e conseqüentemente se desresponsabilizando por possíveis problemas e impasses existentes” (Bruno, 2017). Mais recentemente, essas campanhas vêm buscando fixar a categoria “agro” como sinônimo de brasilidade, num projeto de sociedade que opera no sentido de sua captura e colonização (Gerhart, 2021).

No final da primeira década do século 21, o campo do agronegócio corresponde a uma nova estruturação da ação política ou “a uma crescente convergência de agentes em oposição que procuram racionalizar suas diferenças com vistas a encontrar consensos para dar conta de questões mais amplas”. O embate em torno da aprovação do Código Florestal (2012) é considerado um marco para a consolidação da concertação política do agronegócio que hoje volta sua atenção para a contestação de direitos territoriais indígenas e de populações tradicionais. Esses mesmos setores estabeleceram uma aliança estratégica com Jair Bolsonaro na campanha presidencial de 2018 conformando um “movimento político e econômico chamado ‘agrobolsonarismo’ associado em diferentes níveis com segmentos de liderança corporada de empregadores agrícolas e corporações transnacionais”. (Pompeia 2020; 2024)

Esta pesquisa, portanto, contribui para compreender o bolsonarismo em perspectiva etnográfica no Centro-Oeste, onde Jair Bolsonaro teve votações expressivas em 2018 e 2022. O trabalho de campo foi realizado na microrregião do Alto Teles Pires, no Norte Mato-grossense<sup>1</sup>. O interesse naquele momento era explorar as formas de sociabilidade em comunidades formadas por colonos das frentes pioneiras<sup>2</sup> formadas durante os governos militares (1964-1985). Dez anos depois, a área estudada é considerada notória base bolsonarista, inclusive recebendo destaque nacional nos episódios dos bloqueios golpistas<sup>3</sup> e do ataque às sedes dos Três Poderes<sup>4</sup> entre outubro de 2022 e janeiro de 2023.

Os estudos sobre áreas pioneiras indicam que a elaboração de narrativas hegemônicas tende a aliar um componente mítico com etnicidade (Seyferth, 1991; Monbeig, 1998). A etnografia revelou como a alegoria do “gaúcho” foi incorporada como um elemento que demarca a mudança de status dos colonos que foram arregimentados na Região Sul, em áreas caracterizadas pela economia camponesa, para tornarem-se grandes proprietários voltados para a monocultura. O princípio da alegoria corresponde ao eixo do código de representação que se fixa na Europa no Renascimento. “Alegoria” do grego “dizer uma coisa através de outra”, “representar”. A arte, em forma de alegoria, emerge então como veículo de mediação simbólica de relações indiretas típicas da evolução capitalista e do poder exercido por amplas coalizões de forças (Sevcenko, 1996).

Os colonos que ocuparam o Alto Teles Pires adotaram o nome “gaúcho” ao se estabelecerem na nova área. Os termos “imigrante” e “colono” usados em suas áreas de

<sup>1</sup>O trabalho de campo foi realizado entre 2008 e 2010 para pesquisa de doutorado no âmbito do Projeto “Sociedade e Economia do Agronegócio” coordenado por Beatriz Heredia, Leonilde Medeiros, Moacir Palmeira e Sergio Leite.

<sup>2</sup>Ocupação territorial economicamente organizada tanto por empresas agrícolas como pela agricultura familiar e comercial (Monbeig, 1998; Martins, 1975).

<sup>3</sup> <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2022/11/17/quem-sao-as-pessoas-e-empresas-suspeitas-de-financiar-atos-golpistas.htm> (acesso em 03 de outubro de 2024).

<sup>4</sup> <https://deolhonosruralistas.com.br/2023/10/17/entre-16-financiadores-do-golpe-denunciados-por-cpmi13-sao-fazendeiros/> (acesso em 03 de outubro de 2024).

origem (Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná) foram sendo deixados de lado sinalizando a ruptura com a vida na “colônia” em pequenas unidades produtivas. A afirmação dessa nova definição de grupo está ligada à adesão dos colonos ao tradicionalismo gaúcho: movimento cívico - cultural que surgiu no Rio Grande do Sul nos anos 1940 que cultua a memória da Revolução Farroupilha: um conflito que mobilizou a oligarquia regional do Rio Grande do Sul contra o governo imperial entre os anos de 1835 e 1845. Além de ser termo gentílico para os nascidos no Rio Grande do Sul, gaúcho remete aos “trabalhadores rurais da pecuária latifundista” da região do pampa latino-americano (Leal, 2021). A memória da guerra confere um tom épico à imagem do gaúcho campeador.

Em maio de 2021, ainda num contexto pré-vacinação, me chamou a atenção a notícia sobre uma manifestação pró-Bolsonaro em Brasília. O noticiário dizia que o ato tinha sido promovido por “religiosos e ruralistas” e que o presidente havia participado de almoço com apoiadores na sede de um Centro Tradicionalista Gaúcho, conhecido como “CTG”, (tipo de clube cívico gaúcho que eu estudei no Mato Grosso) e chegou ao palanque montado a cavalo<sup>5</sup>. A cobertura jornalística estava repleta de referências alegóricas que me interessavam. Encontrei no Youtube dois vídeos publicados com imagens da manifestação (provavelmente de uma transmissão ao vivo, a qualidade não era muito boa, tem pequenos cortes)<sup>6</sup>. Assistindo ao vídeo, notei a forte presença de lideranças da Aprosoja, a Associação dos Produtores de Soja e Milho do Mato Grosso, criada em 2005, cuja base social está nas comunidades formadas por colonos pioneiros que estudei. A presença de caminhoneiros no público era marcante.

A apresentação está organizada em três partes. Na primeira, serão destacados os principais aspectos do tradicionalismo gaúcho e suas performances cívicas no interior do Mato Grosso. A ideia aqui é enfatizar a relação entre as manifestações públicas do civismo gaúcho e a forma de urbanização derivada da política de modernização agrícola e colonização interna. Na segunda parte, o objetivo é explorar a dimensão simbólica das exposições agropecuárias, forma de evento (*exhibition*) ou um espaço de enunciação central para a concertação política do agronegócio. A sociabilidade das exposições é mediada por um conjunto de elementos imagéticos cuja análise revela o trabalho social de afirmação do consenso e as contradições capitalistas do mundo do agronegócio. Na última parte, deslocamos o foco para Brasília, analisando as performances de lideranças ligadas aos plantadores de soja do Mato Grosso num ato pró-Bolsonaro. Articulando performances em espaços de enunciação local e nacional é possível identificar os estereótipos afirmados no discurso hegemônico e manipulados enquanto arma discursiva de poder (Herzfeld, 2014). A análise demonstra como a alegoria do gaúcho e seu cavalo opera como um estereótipo que marca a ausência de algo desejável no seu objeto que é justamente o “trabalho braçal” ou práticas laborais ligadas à rusticidade camponesa. Ao mesmo tempo, a incorporação dos cavalos nessas performances expressa a personalidade autoritária da branquitude na imagem

<sup>5</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/05/15/bolsonaro-participa-em-brasilia-de-atos-pro-governo-promovidos-por-religiosos-e-agronegocio.ghtml> (acesso em 03 de outubro de 2024).

<sup>6</sup>Um dos vídeos foi retirado do ar, mais um outro, contendo não só imagens do ato, como também entrevistas com manifestantes, continua disponível: <https://www.noticiasagricolas.com.br/videos/agronegocio/287957-integra-da-cobertura-do-movimento-brasil-verde-amarelo.html#.YLmPX6hKjIU> (acesso em 03 de outubro de 2024).

de uma masculinidade branca, forte e viril (Bento, 2022).<sup>7</sup>

### **Performances Cívicas nas bases locais no Mato Grosso**

A dinâmica regional determinada pela monocultura de grãos envolve a expansão da urbanização caracterizada pelo crescimento de cidades médias (que reproduzem problemas de grandes cidades, especialmente as desigualdades socioespaciais) e o surgimento de nucleações urbanas periféricas nas rodovias que cruzam as plantações a exemplo de outras áreas de interesse do agronegócio (Meyer e Gerhart, 2023; Craice e Almeida, 2024). A configuração dos municípios pesquisados no Mato Grosso (Sorriso e Lucas do Rio Verde) corresponde ao modelo de cidades do agronegócio (Elias e Pequeno, 2006) em que as fazendas circundam o núcleo urbano onde é realizado o acesso à mão de obra, recursos financeiros, aportes jurídicos, insumos, máquinas e assistência técnica. No atual estágio da produção em grande escala, o lado “agrícola” perde importância em relação a um conjunto de atividades “intersetoriais” e suas formas de gerenciamento (Heredia et al, 2010) e o processo de urbanização expressa bem essa especificidade. Quanto maior a fazenda, maior a produção de “papitada”, nas palavras dos colonos plantadores, desde operações de custeio até comercialização. Os “escritórios de fazenda”, encontrados nos prédios da área central da cidade, podem ser encarados como materializações dessa tendência.

Nas falas de arrojamento pioneira, a construção do espaço urbano opera como a materialização de um projeto civilizatório. Ser reconhecido como parte dessas mobilizações que viabilizaram obras e serviços considerados fundamentais para a formação do núcleo urbano (igreja, luz e telefone) corresponde a um vigoroso marcador de distinção social como “fundadores” (Rocha, 2006; Marques, 2012; Cordeiro, 2018; Almeida, 2021a).

Embora a colonização interna tenha sido executada como política de Estado por décadas (Leite e Wesz Junior, 2016), a autoimagem dos colonos, especialmente os que se consideram “agricultores”, remete ao empreendedorismo associado à identidade étnico-religiosa que se constitui em relação com a sociedade nacional. A memória dessas novas áreas inicia-se com referência às precárias condições de fixação na área (“vazio”, “dificuldades”, “abandono”). A situação inicial se resolve na exaltação das ações da “sociedade”. Dizem os colonos: “a sociedade fez”, “a sociedade construiu”. É como se as formas de ação coletiva encarnassem momentaneamente a comunidade (Freeman, 1971).

Essas formas de organização coletiva são incorporadas no discurso pioneiro de modo idealizado ligado ao termo “sociedade” opondo autonomia comunitária à presença do Estado (Almeida, 2021a). Os atributos cívicos da sociedade de que falam os colonos remetem a tipos organizacionais de natureza étnico-religiosa presentes nas áreas de origem como revela a comparação com a sociedade de capela descrita por Giralda Seyferth (1990). A capela figura como a principal referência para ações coletivas, pois é, ao mesmo tempo, local de culto, sala de aula, salão paroquial, etc. A sociedade da capela corresponde a essa entidade que controla toda a atividade comunitária mobilizada nos casos de doença ou para a realização de tarefas

---

<sup>7</sup>O presente trabalho foi realizado com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB), Brasil. Processo N° 0047/2023 e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Brasil. Processo N° 423480/2021-9.

diversas, como a construção de moradia para quem vai casar, de escola comunitária, de capela, assim como o conserto de estradas e o abate de animais domésticos.

As festas de padroeiro que ocorrem nas capelas rurais em Sorriso e em Lucas do Rio Verde, chamadas de “festas de comunidade”, são consideradas pelos colonos como uma tentativa de reproduzir as formas de sociabilidade de suas áreas de origem. A observação das festas revela as atribuições formalizadas de papéis sociais ligados à relação homem-mulher, em que a construção das reputações opera com um referencial de honra<sup>8</sup> associada à masculinidade (Almeida, 2021a). Essa lógica inerente à política da honra (a castidade das mulheres, a pureza de sua genealogia, a coragem dos homens no campo de batalha, a generosidade para com pobres e estrangeiros) corresponde ao amálgama do pacto assumido pelas famílias engajadas na construção de uma nova sociedade.

Para efeito de análise, a chegada de colonos pode ser agrupada em duas levadas oriundas da região Sul. A primeira delas durou até meados dos anos 1980 e inclui aqueles que adquiriram glebas e constituíram empresas colonizadoras, exploraram madeira e deram início tanto às experimentações agrícolas como à construção do núcleo urbano. Constituíram uma classe de produtores que não raro exploram também comércio e serviços, além de exercerem ampla influência na política local e regional. Os colonos considerados “fundadores” estão identificados com as empresas colonizadoras e com a cooperação entre as famílias para realizar as primeiras obras de urbanização, como a igreja ou o acesso a serviços de luz elétrica e telefone. Uma segunda leva de colonos encontrou uma área altamente valorizada e acabou incrementando a classe média urbana junto a famílias da primeira leva que fracassaram na lavoura e partiram para a construção civil, o comércio e a prestação de serviços. Embora as condições de chegada já não sejam tão promissoras, o fluxo migratório do Sul nunca cessou. Além dos colonos vindos das áreas coloniais do Sul, a área também passou a receber, sobretudo a partir dos anos 1990, importante contingente de trabalhadores do Norte do país.

O significado de “gaúcho” na área estudada está relacionado a outras categorias ao nível de classificação por origem ou identidade regional como “maranhense” e “cuiabano”. Da perspectiva hegemônica, essas oposições mobilizam um conjunto de elementos diacríticos que constituem fronteiras sociais de modo a subalternizar os outros não somente pela posição no modo de produção, como também pela ideia de raça. No discurso dos colonos, essas formas de hierarquização tendem a explicitadas de forma naturalizada enquanto diferenças “culturais”. As relações de poder se constituem como um espaço e uma teia de relações de exploração/dominação/conflito que se configuram entre as pessoas na disputa pelo controle do trabalho, da natureza, do sexo, da subjetividade e da autoridade. Nesse padrão de distribuição de poder, as pessoas se classificam e são classificadas segundo gênero, raça e trabalho, ordenando as relações conflitivas em disputa.

A distinção dos trabalhadores das fazendas entre “braçais” e “operadores” do maquinário revela formas de hierarquização ligadas à racialização das relações de trabalho. A lida com as máquinas é considerada prestigiosa<sup>9</sup> e geralmente é delegada a trabalhadores

<sup>8</sup>A pesquisa de Julian Pitt-Rivers (2017) na região da Andaluzia nos anos 1950 lançou a noção de honra na antropologia, inspirando uma série de estudos sobre enquadramentos morais. O par honra/vergonha constitui a reputação, no sentido de ordenar como as coisas devem ser, estabelecendo a hierarquização entre indivíduos de uma comunidade.

<sup>9</sup>As máquinas agrícolas são elementos muito presentes fora do mundo do trabalho. Era comum encontrar

considerados “gaúchos”. O nome “maranhense”, gentílico dos nascidos no estado do Maranhão, opera aqui de forma discretiva, associado à ocupação subalterna em que se lê “braçal” como “catação de raiz”, “capina do algodão”, “lida com veneno”, chão de fábrica da agroindústria. A imagem construída do maranhense na “sociedade (dos gaúchos)” se expressa também por um conjunto de estereótipos ligados à degeneração do núcleo familiar, à sociabilidade violenta, à lascívia e ao desinteresse pelo trabalho. O caso de Sorriso é emblemático porque os próprios habitantes a definem como uma cidade “dividida”. A rodovia separa, de um lado, o projeto urbanístico concebido pelos colonos que coincide com o “centro” e, do outro, os bairros “maranhenses” identificados com os trabalhadores das fazendas, da construção e de serviços.

Num ponto intermediário dessa hierarquia, estão os chamados “cuiabanos”, termo gentílico para quem nasce na cidade de Cuiabá, capital do Mato Grosso, mas que se aplica a toda a população nativa. O cenário da chegada, costumeiramente descrito pelos colonos gaúchos, é um lugar já ocupado por cuiabanos e colonizadores paulistas em uma paisagem de caminhos entranhados na selva pontuados por “botecos” e plantações rudimentares de mandioca (imagem-evidência de que os nativos não eram capazes de enxergar o verdadeiro potencial do lugar). Diferentemente dos maranhenses, os cuiabanos podem pertencer ao rol dos “fundadores” por ocuparem posições-chave na expansão da fronteira agroindustrial como mediações políticas regionais, mas não pertencem ao círculo de honra dos colonos (Almeida, 2021a).

Na fala dos fundadores de Sorriso, o CTG figura, ao lado da igreja, como um dos principais marcos da construção da cidade, mesmo que esses clubes não fizessem parte de seu cotidiano nas regiões de origem. Os CTGs são os clubes que promovem um conjunto de atividades que visam cultivar os símbolos do tradicionalismo gaúcho. Embora tenha como cenário a vida rural, o tradicionalismo gaúcho surgiu como movimento urbano, sendo encabeçado por estudantes secundaristas de Porto Alegre, descendentes de pequenos proprietários rurais ou filhos de fazendeiros que se encontravam num processo de decadência. A partir de 1949, o CTG passou a promover uma série de conferências para constituir uma boa “orientação cultural” ao grupo. A prática desses congressos para discussão e registro das regras tradicionalistas permaneceu e hoje legitima a “Carta de Princípios”, o regulamento dos CTGs. O primeiro CTG tinha como objetivo “recuperar o léxico, a vestimenta e todos os hábitos do gaúcho da Campanha que pudessem ser adaptados a um galpão na cidade” (Santi, 2004).

Oliven (1990) já havia notado que a adesão dos colonos que migraram para o Mato Grosso à “identidade gaúcha” está relacionada à ascensão social conquistada com o deslocamento, por sua vez associada à grande propriedade. Fica evidente como a fundação de uma nova sociedade envolve não somente o esforço em reproduzir o modelo de ocupação do espaço das áreas de origem (na cidade e nas “comunidades” da zona rural) como também a incorporação de novos marcadores sociais.

No Mato Grosso, existem aproximadamente 40 CTGs: metade deles estão localizados nos eixos das BRs 158 e 163 que cortam longitudinalmente o estado e que são vetores do

---

meninos brincando com tratores em miniatura. De uma avó orgulhosa, ouvi que o neto aprendeu a falar “trator” antes de falar “pai”. Nas feiras agropecuárias, era notório o fascínio do público diante das máquinas de última geração.



avanço da monocultura industrial sobre novas áreas. O restante encontra-se distribuído ao sudeste (região de Rondonópolis) e noroeste de Cuiabá (região de Campo Novo dos Parecís) – áreas também identificadas com a produção de soja. A “saudade” do Sul é o tema mais recorrente no título dos CTGs: “Recordando os Pagos”, “Troeiro da Saudade”, “Saudade do Pago”, “Saudades do Pampa”, “Saudade da Querência”, “Carreteando a Saudade”. As denominações também citam aspectos da cidade ou da região como “CTG Última Fronteira” em Guarantã do Norte, última cidade mato-grossense ao norte da BR 163, ou “Cuia Dourada” em Peixoto de Azevedo conhecida pelas minas de ouro. A menção ao pioneirismo também ocorre nesses títulos: “Pioneiros do Centro-Oeste” em Canarana e “Nova Querência” em Terra Nova do Norte.

No pórtico principal do CTG de Sorriso, lia-se “Tu és a chama da tradição”. À entrada do salão principal, outro lema: “No coração do Mato Grosso, a cidade mais gaúcha do Estado.” As construções ficam dispostas num bosque, entrecortado por vielas. Dois salões de “fandangos”, arena de rodeios e estábulos, pavilhão com canchas de bocha e salão de jogos para carteados e sinuca, churrasqueiras e mesas para refeição no arvoredo. No rol das atividades “culturais” estão missas estilizadas com elementos do repertório gauchesco chamadas “crioulas”. A nomenclatura dos cargos e departamentos do clube faz alusão à hierarquia da lida campeira ou ao cenário rústico do século XIX: o presidente é “patrão”, secretário é “capataz”, cada departamento é uma “invernada” e assim por diante.

A comemoração do “Dia do Gaúcho” é bastante vigorosa no Rio Grande do Sul e tem como principal manifestação uma parada militar ou um “desfile de cavaleiros” pelas ruas das cidades. A data instituída, o 20 de setembro, assinala o início da Revolução Farroupilha. O espírito cívico das comemorações da Independência do Brasil, em 7 de setembro, reverbera nas performances tradicionalistas. Os participantes vestem uma espécie de farda em que a calça típica “bombacha”, o lenço vermelho, o chapéu e a bota são especialmente estimados. As mulheres usam vestidos longos e armados, com os ombros cobertos, que remetem à moda do século XIX.

As comemorações do Dia do Gaúcho no Mato Grosso não apresentam a mesma mobilização de público que se nota no Rio Grande do Sul. Numa dessas ocasiões, em 2010, o grupo de famílias engajadas no CTG de Sorriso circulou pelas ruas esvaziadas do centro da cidade num sábado pela manhã. Desfilaram como uma espécie de carreta mista de homens a cavalo (dentre eles, o prefeito) e dois caminhões com as cacimbas ocupadas por mulheres e crianças das equipes de dança e de jogos e carro de som. A parada foi mais notada pelo discurso ao microfone em que os dois professores de música do clube falavam sobre a importância dos “gaúchos e descendentes de gaúchos na colonização” do Mato Grosso e de outras partes do país e a tendência em recriar o Sul natal, como se estivessem vestindo “o Brasil de bombachas”.

O orgulho pioneiro encontrou eco em três símbolos do gauchismo: a estância (grande propriedade), o homem à cavalo (conquista) e o acampamento rústico (mobilidade). A territorialização dos colonos gaúchos, portanto, reedita formas de cooperação camponesa das “áreas coloniais” num ambiente produtivo industrial e financeirizado. As famílias camponesas, no espaço de uma geração, rompem o curso da reprodução social na pequena propriedade (e seu próprio esgotamento) e se tornam grandes proprietários.

## Propagando o universo da mercadoria entre máquinas e cavalos

Os CTGs de Sorriso e Lucas do Rio Verde ocupavam vastos terrenos nas bordas do centro da cidade em que estão instaladas as estruturas em que são desenvolvidas as práticas tradicionalistas. No caso de Sorriso, o clube também sedia a exposição agropecuária que comemora o aniversário da cidade: a “Exporriso”. As feiras e exposições agropecuárias correspondem a festividades nas quais as elites exercem seu poder simbólico (Guimarães, 1996); em que o agronegócio emerge como um conhecimento e uma prática salvadora, que une campo e cidade, que gera empregos e que produz divisas (Leal, 2008: 40); que carregam consigo estruturas de longa duração forjadas no intuito de promover uma concepção eurocêntrica sobre o mundo (Almeida, 2021b).

As raízes históricas das feiras e exposições agropecuárias estão localizadas nas exposições mundiais/internacionais do século XIX e começo do século XX (Guimarães, 1996; Klug, 2012; Sandaj, 2017). Eventos do tipo exposições mundiais proliferaram em meados do século XIX associados aos valores civilizatórios, ou ligados à ideia de progresso, em variadas modalidades de expressão: enquanto afirmação de projetos geopolíticos hegemônicos, divulgação de produtos e serviços, oportunidade de troca e intercâmbio no sentido de inovação e tecnologia, divulgação de propaganda ideológica e política, de diversão e lazer (Sandaj, 2017), palco de exibição de saberes coloniais, ou todo o conhecimento produzido tendo como referências os territórios coloniais, com fins aplicados ou não (Thomaz, 2001).

Os estudos historiográficos sobre as exposições internacionais, sobretudo a partir dos anos 1980, definem-nas como fenômenos geopolíticos da modernidade, associados à ordem burguesa que se expandia pelo mundo, aos movimentos nacionalistas e colonialistas que moldaram as relações internacionais da época e à emergência de uma rede expositiva ou de uma cultura de exposições que conectava distintos espaços e tempos da humanidade. A linguagem desenvolvida nas exposições tende a “glorificar o valor de troca da mercadoria” e a “propagar o universo da mercadoria”. (Benjamin, 2002)

A moldura interpretativa que associa imperialismo, colonialismo e industrialismo com as exposições metropolitanas adquire outras significações nessas celebrações do progresso realizadas na América Latina, em contexto de economias baseadas em agricultura e extrativismo. Em suas participações nas exposições internacionais, o Brasil oferecia suas riquezas naturais como bilhete de acesso ao festim industrial, exibindo a imagem de uma rica nação a ser despertada pelos pioneiros/empreendedores europeus (Barbuy, 1996; Sandaj, 2017). É constante, no entanto, a extrapolação de um culto civilizatório abstrato por meio da difusão de invenções e descobertas que se tornaram símbolos de um novo e extraordinário poder de dominação da natureza (Ferreira, 2011).

Quando observamos a paisagem sonora das exposições do século XIX, ao mesmo tempo que elaboravam hierarquias sociais e distanciamento do que era considerado o gosto civilizado (o europeu) e o primitivo (o exótico), esses eventos criaram condições de resistência e contestação da autoridade imperial por meio da música e da forma como ela era executada, em claras demonstrações de pertencimento e orgulho racial ou social (Fauser apud Sandaj, 2017).

Os estudos sobre as exposições contemporâneas destacam a sobreposição de

interesses políticos e corporativos em escala global (Sandaj, 2017), reunindo culto às máquinas agrícolas, concursos de animais, rodeios e parques de diversões num ambiente que deve promover negócios. Enquanto ferramentas ideológicas das classes dominantes, as exposições operam no sentido de impor seus valores e construir um clima de consenso social, transmutando interesses específicos de determinado setor do mercado em temas de interesse comum. Essa dimensão pedagógica ou disciplinadora das exposições só se realiza na medida em que esses eventos mobilizam o público formado por trabalhadores e operários (Neves, 1986). Na paisagem sonora da exposição contemporânea, nota-se o jogo entre consenso e contradições.

Além das apresentações de maior apelo popular, como artistas do sertanejo universitário que mobilizam a diversidade do público que frequenta esse tipo de evento, a feira inclui momentos destinados a atrações mais ligadas ao estilo gauchesco e ao forró, esse último mais identificado com os trabalhadores maranhenses. Nas noites de forró, o público identificado como maranhense tomava a pista de dança, e os casais gaúchos permaneciam em áreas mais periféricas do salão em rodas de conversa, mais bebendo e observando do que dançando. A imagem do público gaúcho observando o baile dos maranhenses tanto remete a uma configuração exotizante do outro, como sugere demonstrações de pertencimento e orgulho racial ou social.

Havia grande expectativa em relação às atrações musicais, um dos quesitos importantes na comparação entre as feiras do mesmo tipo nas cidades vizinhas. Sob o slogan “Todo mundo vai”, parte do público chegava a pé, oriundo dos bairros periféricos (chamados “nordestinos” ou “maranhenses”), e outra parte, identificada como o público gaúcho chegava em automóveis. Além dos shows, a exposição de máquinas agrícolas exercia forte apelo entre o público.

Nesses setores principais, os diferentes públicos aparentemente misturavam-se, mas também havia partes em que o contraste entre os públicos gaúcho e maranhense ficava mais evidente. Havia, por exemplo, um setor da feira que, segundo um dos sócios do CTG, era conhecido como Peixotinho, aludindo a Peixoto de Azevedo, município ao norte do Mato Grosso, de onde vinham muitos dos maranhenses. Jovens aglomeravam-se entre as barracas de comida, dançando, conversando, bebendo ao som de música eletrônica e forró.

Os rodeios também são modalidades de entretenimento que mobilizam público diversificado e podem ser considerados modalidades de espetáculo muito ligadas ao contexto das Américas. Aqui, no entanto, pude observar que o contraste fica mais manifesto entre cavaleiros gaúchos e cuiabanos (favoritos aos prêmios). Essas competições esportivas cultuam a imagem do peão de boiada, mais uma das variações do herói a cavalo ligado à expansão territorial. A modalidade mais conhecida nos rodeios é aquela em que o competidor monta um touro, que é induzido a pular por uma cinta tracionada em volta do abdômen. A performance do peão sobre o boi indômito expressa essa fé nos valores da modernidade, em que a natureza é desbravada pelos recursos tecnológicos em nome do progresso.

## Agro a galope

No período da pandemia, parti para um experimento de pesquisa em meio digital, procurando conteúdo que operasse mais como dado primário, como lives e vídeos postados no Youtube em canais identificados com o agronegócio e páginas pessoais. A seleção de material relevante teve como critério o estabelecimento de pontes com os achados etnográficos da minha pesquisa de campo na microrregião do Alto Teles Pires, no Norte Mato-Grossense entre 2008 e 2010. Para usar uma expressão muito eloquente no mundo do agronegócio: meu itinerário metodológico iniciou com um trabalho de campo “dentro da porteira” ou numa imersão nas comunidades de grandes plantadores criadas pelo impulso pioneiro. A análise das publicações on-line parecia pertinente para observar aqueles colonos pioneiros “produzindo moralidades” (Herzfeld, 2014; Comerford, 2014) numa performance dirigida para o público de “fora da porteira”. Estava interessada em “eventos políticos” (Champagne, 1984) que fornecessem pistas para explorar a construção de um determinado imaginário coletivo como estratégia de legitimação.

Em 2020, 14 meses depois do início das medidas de distanciamento social no Brasil, a Aprosoja foi a principal articuladora de um ato Pró-Bolsonaro que ocorreu na Esplanada dos Ministérios em Brasília. Naquele momento, a desaceleração da economia havia imposto imensos prejuízos com exceção de poucos setores, sendo próspero o desempenho das exportações agrícolas e outros setores da agroindústria. O “agro” também estava em evidência em virtude das controvérsias relacionadas aos indicadores de desmatamento acelerado na Amazônia. Havia uma percepção de que a pandemia havia explicitado contradições ligadas à grande agricultura: altos preços dos alimentos para consumo interno (mesmo num período de bonança agrícola) e a ligação entre plantas industriais voltadas para a produção de carne e a emergência de novas doenças. O governo Bolsonaro já estava engajado na criação de uma série de eventos que atestassem o apoio popular ao presidente e ao seu projeto autoritário.

O vídeo inicia com imagens de dois helicópteros sobrevoando o público já reunido em frente ao trio elétrico posicionado na Esplanada dos Ministérios. “Celeiro do mundo. Pátria do Evangelho. Que nenhum filho teu passe fome.” dizia o leiteiro sobre o palanque. Nas camisetas, “Agro é Brasil em apoio ao presidente”. O locutor anima o público vestindo cores patriotas: “Olha o presidente! (*frame* de dois helicópteros) Jair Bolsonaro! Jair Bolsonaro! Jair Bolsonaro!”. Ele segue regendo o coro: “Eu autorizo! Eu autorizo!”. A plateia repete. O locutor então orienta: “E agora para as TV 's ouvirem aqui. Toda a Esplanada: Eu vim de graça! Eu vim de graça!”.

O primeiro a tomar a palavra foi o presidente da Aprosoja que fez um breve agradecimento à presença do público. O locutor retoma o microfone e anuncia a pauta da manifestação: contra política de lockdown (ou de isolamento social), pelo voto impresso e contra o STF (há inclusive um momento em que o prédio do STF é, por assim dizer, exorcizado em discurso).

Ao longo do vídeo, o locutor menciona os estados representados pelo público: Pará, Rondônia, Goiás, Tocantins, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Paraná e Rio Grande do Sul. No palanque, havia alguma representação de Sindicatos Rurais do Nordeste. Falaram cerca de 15 pessoas ao todo, fizeram falas breves.

As referências ao código alegórico ligado à imagem do “gaúcho” foram recorrentes. “Tem gaúcho aí?”; “Sem produtor rural, não tem churrasco (“comida de gaúcho”); “gaúcho é bagual (cavalo) que não se entrega”.

Aos 30 minutos do vídeo, Bolsonaro surge, sorrindo e acenando com o chapéu, mas o cavalo pára. O presidente fica constrangido pela indiferença do animal, passando a gesticular impaciente, abanando com o chapéu a sua frente e ordenando que abrissem espaço. O cavalo só volta a andar quando um cavaleiro se aproxima e toma as rédeas. Seguem cerca de duas dezenas de cavalos montados pelas autoridades anunciadas nessa ordem: Ricardo Salles (MMA), Tereza Cristina (Mapa), Tarcísio de Freitas (Infraestrutura), General Braga Neto, General Heleno, Pedro Lopes (Caixa), Delegado Marcelo Xavier (Presidente da Funai).

Quando Bolsonaro sobe no trio e toma o microfone, diz: “- Ou desce metade do carro ou eu desço, porque assim não é possível.” O presidente desce e passa a cumprimentar o público e tirar selfies. Essa falta de uma saudação ao público é um dos tantos elementos grotescos de sua performance e de seu entorno. Mbembe (2006) fala do grotesco como artifício de banalização do poder na “pluralidade caótica” das sociedades que emergem da experiência de colonização. Os aparatos que promovem a banalização do poder, uma vez implantados, constituem um regime de violência.

Das falas, eu destacaria as participações de Tarcísio de Freitas que usa a “fazenda” como metáfora para o país, Ricardo Salles e a tônica negacionista e o General Braga Neto, ministro da Defesa dizendo que “as forças armadas estão para proteger os senhores”. Tarcísio de Freitas: “Aquela história do país eficiente da porteira para dentro e não eficiente da porteira para fora vai ficar no passado. O presidente Jair Bolsonaro está levando a logística para vocês, vai levar a ferrovia, vai levar hidrovias, vai levar boa rodovia, vai levar o porto.” Ricardo Salles: “O agro é o maior amigo do meio ambiente. Essa é a verdade, as cidades é que poluem!” As duas únicas mulheres que falam, fizeram referência a seus pais, se identificam como parte da família (“filha”), um elemento ausente nas falas masculinas.

Fechando a sequência de falas, houve a apresentação de um trovador “gaúcho” que declamava acompanhado de um acordeon (instrumento identificado com o gauchismo). O presidente estava ao lado e, em dois momentos, foi ao microfone para bradar como se estivesse tocando boiada.

O estereótipo do conquistador, o “gaúcho”, incorpora o cavalo a um regime simbólico dominante, tornando significativo de status, poder e nação. Conforme Boscati e Aldman (2020):

O êxito performativo das narrativas conduzidas pelo poder depende não só da linguagem, mas da ritualização repetida dessas representações e práticas. Por isso, é comum durante as datas cívicas e as festas que celebram a identidade nacional contarem com a performance de corpos masculinos junto a cavalos, remetendo-se claramente a práticas militares de conquista e construção da nação, da época em que homens guerreavam prioritariamente no lombo destes animais (p. 224).

De forma análoga, assim como a imagem renascentista da “sagrada família” foi utilizada para representar uma “família indígena” no século XVI; o “gaúcho” do Pampa (trabalhador da estância, o campeiro) representa o “agricultor moderno”, o “empresário rural”. O uso de “fronteira” para definir suas áreas de interesse denota essa identificação do avanço

capitalista com o front militar e a confrontação com uma nação inimiga. O cavalo, portanto, é um elemento que promove uma espécie de simulacro do “rural”. Du Bois, Tan e Mintz (2008), no tocante às fazendas de soja nas Américas, consideram que aqueles que são seus proprietários e as administram, embora se preocupem de modo geral com o sucesso da colheita e do processamento, têm no mercado seu maior interesse. A análise demonstra como a financeirização da atividade agrícola acentua essa dissociação com a vida rural. A alegoria do “gaúcho” compõe o discurso de poder de bases agrobolsonaristas no Mato Grosso simulando, de forma ritual, a vida rústica do passado.

### **Considerações finais**

A imagem evocada do herói varia conforme as temporalidades da fronteira, mas não deixa de evocar o empreendedorismo e o pacto narcísico da branquitude: um acordo não verbalizado de autopreservação das pessoas brancas ligada à personalidade autoritária, masculinidade branca e nacionalismo (Bento 2002). O imigrante nas áreas coloniais do Sul do país se impõe pelo disciplinamento ascético. A imagem do bandeirante na frente pioneira paulista e do gaúcho nas novas áreas no Cerrado e na Amazônia apela para o tema da conquista e da impetuosidade viril.

O processo de simbolização analisado aqui revela a persistência de formas de hierarquização que estabelecem relações de colonialidade de raça e de gênero que não foram superadas com a incorporação do trabalho livre e de formas de gerenciamento empresarial ou da agricultura de precisão.

A fixação do herói a cavalo como alegoria da expansão sobre novas áreas revela como o ordenamento fundiário hegemônico está em sintonia com princípios de colonialidade. A incorporação do cavalo no discurso dominante das associações patronais tende a operar de forma estereotipada, estabelecendo uma espécie de simulacro da materialidade da vida camponesa que, ao final das contas, encontra-se não somente distante do cotidiano dos plantadores de soja como também corresponde a um modo de vida antagônico a esses grandes empreendimentos capitalistas. Enquanto estereótipo, portanto, tende a operar como um artifício de legitimação do agronegócio na medida em que procura associar um conjunto de virtudes ligadas à imagem do camponês como disciplina para o trabalho braçal, “simplicidade” e até mesmo, ingenuidade (em contraste com o povo da cidade) aos empresários do agronegócio. Esse esforço de aproximação com a imagem do camponês consiste num dos elementos da disputa de classificações na atribuição de sentido à definição de “agricultor”: notei que os plantadores de soja que estudei preferiam ser chamados de “agricultores” do que de “produtores”. Ao mesmo tempo, a imagem do herói a cavalo, consiste numa alegoria militar, ligada à conquista territorial e portanto, palatável ao patronato rural.

A pesquisa etnográfica sobre o modo de vida das famílias de colonos de trajetória ascendente que administram as fazendas produtoras de grãos revelou a longa duração do compromisso civilizatório orientado pela conquista, pela guerra e pela submissão dos outros, das mulheres e da própria natureza. Nesse sentido, a ocupação da fronteira reedita princípios de dominação colonial. Se a riqueza das metrópoles está baseada na exploração das colônias, as colônias não podem obter riqueza senão possuindo suas próprias colônias (Mies, 1998).

As relações de trabalho criadas nessa paisagem produtiva de larga escala tendem a portar premissas racializantes. A arrogação pioneira dos gaúchos se edifica na comparação com outras “culturas” definidas em forma de identificação regional: cuiabano, maranhense, nordestino. As duas últimas são formas como gaúchos chamam os trabalhadores menos qualificados e os bairros onde se concentram. O uso de “cultura” tem um sentido de raça, na medida em que naturaliza as contradições capitalistas, atribuindo ao outro limitações insuperáveis.

## Referências

- ALMEIDA, L. S. Significados locais da colonização interna no norte mato-grossense. *Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais*, v. 23, 2021a. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbeur/a/sStcXbCqXCpX4bvGVMPQtGw/> Acesso dez 2024
- ALMEIDA, L. S. Pandemia, “agro” e “sofrência”: jornalismo, propaganda e entretenimento no debate público sobre o modelo agrícola. *Estudos Históricos (Rio de Janeiro)*, v. 34, p. 367-383, 2021b. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/eh/a/X65LzqxMQKKG7KGgdDDR9vj/abstract/?lang=pt> Acesso em dez. 2024.
- BARBUY, H. O Brasil vai a Paris em 1889: um lugar na Exposição Universal. *Anais do Museu Paulista, São Paulo*, v. 4, 1996. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/anaismp/article/view/5342>
- BENJAMIN, W. Paris, the capital of the nineteenth century. In: Jennings, H. et al. *Selected Writings* volume 3. Harvard University Press, 2002.
- BENTO, M. A. *O pacto da branquitude*. Companhia das letras, 2022.
- BENTO, M. A. Branqueamento e branquitude no Brasil. In: CARONE, I.; BENTO, M. A. *Psicologia social do racismo – estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- BRUNO, R. Bancada ruralista, conservadorismo e representação de interesses no Brasil contemporâneo. In: MALUF, R.; FLEXOR, G. (orgs.). *Questões agrárias, agrícolas e rurais*. Rio de Janeiro: E-papers, 2017.
- BOSCATTI, Ana Paula; ADELMAN, Miriam. De cavalos e homens: história, poder, estratégias e representações. *Estudos de Sociologia*, v. 25, n. 49, 2020. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/estudos/article/view/14100> Acesso em dez 2024
- CASANOVA, P. G. Colonialismo interno (uma redefinição). In: BORÓN, A. et al. *A teoria marxista hoje*. São Paulo: Clasco, 2007. p. 431-458. Disponível em: <http://bibliotecavirtual.clasco.org.ar/clasco/formacion-virtual/20100715084802/cap19.pdf>. Acesso em dez 2024.
- CHAMPAGNE, Patrick. La manifestation. La production de l'événement politique. *Actes de la recherche en sciences sociales*, v. 52, n. 1, p. 19-41, 1984.
- COMERFORD, John. Produzindo moralidades: dilemas, polêmicas e narrativas em terras do “agronegócio”. In: WERNECK, A.; DE OLIVEIRA, L. (Orgs.). *Pensando bem: estudos de sociologia e antropologia da moral*. Casa da Palavra, p. 156-181, 2014.
- CORDEIRO, M. S. S. Pioneiros, fundadores e aventureiros – a ocupação de terra em Rondônia. *Revista de Antropologia*, v. 61, n. 1, p. 125-146, 2018. Disponível em: <https://revistas.usp.br/ra/article/view/145519> Acesso em dez. 2024.

- CRAICE DA SILVA, C.; ALMEIDA, L. As águas do Rio Arrojado: disputa entre a monocultura de commodities e os modos de vida tradicionais dos Fundos e Fechos de Pasto. *Revista Mutirão. Folhetim de Geografias Agrárias do Sul*, [S. l.], v. 4, n. 3, p. 260–268, 2024. DOI: 10.51359/2675-3472.2023.260808. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/mutiro/article/view/260808>. Acesso em: 4 jul. 2024.
- DU BOIS, C.; TAN, C.; MINTZ, S. Introduction: the significance of soy. In: DU BOIS, C.; TAN, C.; MINTZ, S. *The world of soy*. Chicago: University of Illinois Press, 2008. p. 1-23.
- ELIAS, D.; PEQUENO, R. Desigualdades socioespaciais nas cidades do agronegócio. *Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais*, v. 9, n. 1, p. 25-39, maio de 2007. Disponível em: <https://rbeur.anpur.org.br/rbeur/article/view/168>. Acesso em dez. 2024.
- EMBRAPA. Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. Soja em números. Disponível em: <https://www.embrapa.br/soja/cultivos/soja1/dados-economicos>. Acesso dez. 2024.
- FREEMAN, S. T. *Neighbors: the social contract in a Castilian Hamlet*. Chicago: University of Chicago Press, 1971.
- FERREIRA, C. A. *Difusão do conhecimento científico e tecnológico no Brasil na segunda metade do século XIX: a circulação do progresso nas exposições universais e internacionais*. 2011. 299 p. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde) – Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/16341> Acesso em dez. 2024.
- GERHARDT, C. Agronegócio" desde o gene até o meme": a invasão do vírus/totem agro. *Mana*, v. 27, n. 3, p. e273206, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mana/a/CB4DdpWntGr9ypDFygTNrct/?format=pdf&lang=pt> Acesso em dez. 2024.
- GUIMARÃES, D. *A celebração da modernidade: a feira e a festa nas exposições agropecuárias do nordeste paulista*. 1996. 211 p. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996.
- HEREDIA, B.; PALMEIRA, M.; LEITE, S. P. Sociedade e economia do “agronegócio” no Brasil. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 25, n. 74, p. 159-196, out. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v25n74/a10v2574.pdf>. Acesso em: 30 ago. 2019.
- HERZFELD, Michael. *Cultural intimacy: Social poetics in the nation-state*. Routledge, 2014.
- KLUG, João. A Exposição Nacional do Rio de Janeiro (1875) e os seus impactos na produção agropecuária e nas ciências naturais. In: NODARI, Eunice. S.; KLUG, João. (Orgs.). *História Ambiental e Migrações*. São Leopoldo: Oikos, 2012, p. 139-150.
- LEAL, F. O. *Os Gaúchos: cultura e identidade masculinas no pampa*. Porto Alegre: Tomo, 2021.
- LEAL, N. S. “É de agronegócio!”: circuitos, relações e trocas entre peões de manejo, peões de rodeio e tratadores de gado em feiras agropecuárias. 2008. 174f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em : <https://repositorio.usp.br/item/001732263> Acesso em dez. 2024.
- LEITE, S. P.; WESZ JR., V. J. Políticas públicas para o financiamento do agronegócio no Brasil: programas, instrumentos e resultados com ênfase no caso de Mato Grosso. In: BÜHLER, E.; GUIBERT, M. OLIVEIRA, V. L (org.) *Agriculturas empresariais e espaços rurais na globalização: abordagens a partir da América do Sul*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2016. p.105-124.
- MARQUES, A. C. D. Pioneiros de Mato Grosso e Pernambuco. Novos e velhos capítulos da colonização no Brasil. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 28, n. 83, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/YyxvXCr77yRxVtPRGCcgTpz/> Acesso em dez. 2024.



- MARTINS, J. S. *Capitalismo e tradicionalismo*. São Paulo: Livraria Pioneira, 1975.
- MBEMBE, Achille. The Banality of Power and the Aesthetics of Vulgarly in the Postcolony. *The Anthropology of the State: a reader*, v. 4, p. 381-400, 2006.
- MEYER, Gustavo; GERHARDT, Cleyton. Dos intrépidos gaúchos aos responsáveis homens de camisa azul: moralidade, sociabilidade e hierarquia na sociedade do agronegócio. *Dados*, v. 67, p. e20220080, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/dados/a/qPp6GRRqHgf55XqvxVrwLkp/abstract/?lang=pt> Acesso em dez. 2024.
- MIES, M. *Patriarchy & Accumulation on a world scale: women in the Internacional division of labour*. Zed Books, 1998.
- MINTZ, S. *Dulzura y poder*. México: Siglo XXI, 1996.
- MONBEIG, P. *Pioneiros e fazendeiros de São Paulo*. São Paulo: Hucitec, 1998.
- NEVES, M. *As vitrines do progresso*. Rio de Janeiro: PUC-Rio/FINEP/CNPq, 1986.
- OLIVEN, R. G. *A tradição revisitada: a (re)construção da identidade gaúcha no Brasil moderno*. In: MATO, D. (org.). *Teoria y política de la construcción de identidades y diferencias en America Latin y el Caribe*. Caracas: Nueva Sociedad, 1994.
- PITT-RIVERS, Julian. The place of grace in anthropology. *HAU - Journal of Ethnographic Theory*, v. 1, n. 1, p. 423-450, 2011. Disponível em: <https://www.journals.uchicago.edu/doi/full/10.14318/hau1.1.017>. Acesso em: 26 abr. 2023.
- POMPEIA, C. Concertação e Poder: o agronegócio como fenômeno político no Brasil. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v.35, n. 104, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/bWNJXhwGrcqZRqjJF6rD5pv/?lang=pt> Acesso em dez. 2024.
- POMPEIA, Caio. Agri-bolsonarism: a movement led by agricultural elites and far-right politicians in Brazil. *The Journal of Peasant Studies*, p. 1-25, 2024. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/03066150.2023.2301440>. Acesso em dez. 2024.
- SANDAJ, N. Exposições internacionais: uma abordagem historiográfica a partir da América Latina. *História, Ciências, Saúde - Manguinhos*, vol. 24, n. 3, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/Gfjz6kn7bGspj83MFdbWpRt/abstract/?lang=pt> Acesso em dez. 2024.
- SANTI, A. *Do Partenon à Califórnia: o nativismo e suas origens*. Porto Alegre: UFRGS, 2004.
- SEVCENKO, Nicolau. Alegorias da experiência marítima e a construção do europocentrismo. In: *Raca e Diversidade*. São Paulo: Edusp/Estação Ciência, 1996.
- SEYFERTH, G. *Imigração e cultura no Brasil*. Brasília: Ed. da UnB, 1990.
- THOMAZ, O. R. “O bom povo português”: usos e costumes d’aquém e d’além-mar. *Mana*, v. 7, n.1, 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mana/a/9fHVhR4wrPLgPpRCNCPY85p/> Acesso em dez. 2024.
- TSING, Anna. *Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno*. Brasília: IEB Mil Folhas, p. 119-123, 2019.
- WALLACE, Rob. *Pandemia e agronegócio: doenças infecciosas, capitalismo e ciência*. Editora Elefante, 2020.
- WOLFORD, Wendy. The Plantationocene: A lusotropical contribution to the theory. *Annals of the American Association of Geographers*, v. 111, n. 6, p. 1622-1639, 2021.

*Recebido em: 05-05-2024*  
*Modificado em: 22-09-2024*  
*Aceito em: 01-11-2024*

*Luciana Schleder Almeida*

Mestra e doutora em sociologia e antropologia (IFCS / UFRJ). Professora adjunta (nível III, classe C) da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab).  
Unidade Acadêmica: Instituto de Humanidades e Letras. E-mail: [luciana.almeida@gmail.com](mailto:luciana.almeida@gmail.com)